

COMUNICADO DE IMPRENSA

11.02.2026

HABITAR PORTUGAL

De 1974 a 2024, de Matosinhos a Brasília, passando por Olhão e Guiné Bissau, a assinatura dos arquitetos portugueses exprimiu-se muito além das fronteiras da nação. As relações com o espaço público e o impacto nos modos de vida afirmaram o gesto político da arquitetura, que também soube preservar e reinterpretar patrimónios materiais e imateriais, num ato de continuidade e reinvenção, sem deixar de integrar tecnologia e sustentabilidade, em diálogo com a globalização. O que se comprova numa seleção (mais representativa do que exaustiva) de 100 obras marcantes em 50 anos de práticas e discursos. Iniciativa organizada pela Ordem dos Arquitetos, em parceria com o MAC/CCB, esta exposição convida a reabitar parte da história da edificação do país. Estará patente entre 12 de fevereiro e 26 de abril de 2026 no Centro de Arquitetura daquele que também é um dos edifícios icónicos desta exposição: o Centro Cultural de Belém.

A PALAVRA AOS CURADORES:

Habitar Portugal assume-se como um espaço de pensamento e debate sobre cinco décadas da arquitetura portuguesa. Estruturada em três eixos — «Arquitetura como Gesto Político», «A Persistência da Memória» e «Ruturas e Novas Configurações» —, esta edição não se limita a reunir obras, mas propõe uma leitura crítica das mudanças que redefiniram o território e os modos de habitar.

EIXO 1. ARQUITETURA COMO GESTO POLÍTICO

A arquitetura é, por natureza, uma prática política. Cada decisão de projeto implica escolhas que afetam todos, os modos de vida e as relações com o espaço público. Este eixo reúne obras que, desde 1974, traduzem a urgência de responder a desafios coletivos: da habitação social à infraestrutura urbana, da requalificação territorial à afirmação de identidade nacional.

Exemplos como o Bairro 11 de Março, em Olhão, de José Maria Lopes da Costa, ou o Conjunto Habitacional Pantera Cor de Rosa, em Lisboa, de Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita, revelam como a arquitetura se posiciona perante contextos de mudança, e na democratização do acesso à habitação. Por outro lado, a Câmara Municipal de Matosinhos, de Alcino Soutinho, a Assembleia Regional dos

Açores, de Manuel Correia Fernandes, ou a Embaixada de Portugal em Brasília, de Raúl Chorrão Ramalho, sublinham a dimensão institucional e simbólica do espaço construído, e a projeção internacional do país.

Obras estruturantes como os Molhes do Douro, no Porto, de Carlos Prata com Fernando Silveira Ramos, a Marginal da Baía de Luanda, de Alexandre Costa Lopes, ou os Cinco Jardins de Infância, do Colectivo Mel, na Guiné-Bissau, demonstram como a arquitetura pode transformar territórios, nacionais e internacionais, e impactar a qualidade de vida dos seus utilizadores.

Este eixo mostra que a arquitetura é instrumento de transformação social, capaz de mediar tensões entre tradição e modernidade, entre local e global.

EIXO 2. A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA

Num tempo marcado pela aceleração e pela obsolescência, este eixo valoriza a capacidade da arquitetura de dialogar com a história, preservando e reinterpretando patrimónios materiais e imateriais, e demonstra que intervir no existente é um ato de continuidade e reinvenção.

Projetos como a Pousada de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, de Fernando Távora, o Convento de São Francisco, em Vila Franca do Campo, São Miguel, de Teresa Nunes da Ponte, ou a reabilitação do Mercado do Bolhão, no Porto, por Nuno Valentim, exemplificam abordagens que respeitam a memória coletiva, integrando novas funções e soluções construtivas sem perder autenticidade. O Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas, nos Açores, por Menos é Mais e João Mendes Ribeiro, ou a requalificação da Casa do Passal – Museu Aristides de Sousa Mendes, por Rosmaninho+Azevedo, revelam como a arquitetura pode ser protetora de narrativas, devolvendo significado a lugares esquecidos. Igualmente, exemplos como o Museu da Luz, em Mourão, de Pedro Pacheco e Marie Clément, o Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, na Horta, de Nuno Ribeiro Lopes, ou a Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, em Angra do Heroísmo, por Inês Lobo, reforçam a ideia de que a memória é matéria viva para o futuro. Este eixo é um apelo à diversidade, defendendo que cada contexto e cada legado cultural são fundamentais para preservar memórias e identidades.

EIXO 3. RUTURAS E NOVAS CONFIGURAÇÕES

O terceiro eixo reúne obras que exploram novas linguagens, tecnologias e programas, desafiando convenções e antecipando modos de habitar.

Desde o Hotel Dom Henrique, no Porto, de José Carlos Loureiro, com Luís Pádua Ramos, ao Complexo das Amoreiras, de Tomás Taveira, que marcou a década de 1980 com a sua audácia formal, até projetos recentes como o Museu do Côa, de Camilo Rebelo e Tiago Pimentel, ou o Centro de Interpretação do Românico, em Lousada, pelos Spaceworkers, com abordagens disruptivas, a diversidade

programática deste eixo é evidente. Inclui equipamentos culturais como a Casa das Mudas, na Madeira, de Paulo David, equipamentos industriais como o Lagar do Marmelo, em Ferreira do Alentejo, de Ricardo Bak Gordon, ou propostas internacionais como o Desert X Al Ula Visitor Centre, na Arábia Saudita, que revelam uma rutura com a tradição, proporcionando um diálogo com a globalização e perspetivando novas configurações.

Outros exemplos, como a Escola EB 2,3 das Taipas, em Guimarães, do Pitágoras Group, o Centro Sócio-Cultural da Costa Nova, em Ílhavo, do atelier ARX Portugal, ou o edifício Hoso, no Porto, dos OODA, demonstram como a arquitetura contemporânea integra sustentabilidade, tecnologia e novas formas de sociabilidade.

Este eixo destaca a capacidade da arquitetura para definir novos paradigmas, apresentando soluções inovadoras que respondem aos desafios atuais e projetam um futuro sustentável e inclusivo.

Em *Habitar Portugal*, ao percorrer estes três eixos, o visitante é desafiado a olhar para além do passado, questionando os desafios do presente e antecipando o futuro. Esta seleção não pretende ser exaustiva, mas sim representativa da diversidade de práticas e discursos que moldaram a arquitetura portuguesa nos últimos 50 anos.

Alexandra Saraiva, Célia Gomes e Rui Leão

VISITAS GUIADAS À EXPOSIÇÃO

- Domingo, 15 março, às 11:00

Mediante inscrição prévia através de formulário ou pelo e-mail servico.educativo.museu@ccb.pt.

PROGRAMAS PÚBLICOS

- Conversa

Sábado, 14 fevereiro e 11 abril, às 16:00

Com Alexandra Saraiva, Célia Gomes e Rui Leão

Cem obras de entre o que de mais marcante se fez, em Portugal e no mundo, com assinatura portuguesa, analisadas à lupa dos curadores Alexandra Saraiva, Célia Gomes e Rui Leão. A 7.^a edição de *Habitar Portugal*, uma iniciativa da Ordem dos

Arquitectos, promove a partilha e a divulgação ao grande público da arquitetura portuguesa contemporânea.

Participação gratuita, mediante inscrição prévia através de formulário ou e-mail servico.educativo.museu@ccb.pt. Sujeita ao número de lugares disponíveis.

IMAGENS: <https://www.swisstransfer.com/d/5183ee10-27dd-4b07-b550-8c0d898a7265>

OUTRAS QUESTÕES:

Manuela Costa

manuela.costa@ccb.pt

+351 925 313 416

Obrigada!